1

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

JORNAL DOS INTERESSES PHYSICOS, INTELLECTUAES, E MORAES.

Collaborado por muitos Sabios e Litteratos — redigido por Antonio Feliciano de Castilho.

## PROLOGO.

Como um prologo de periodico não costuma passar de uma ociosa conversação de cumprimentos, promessas e protestos, fazendas essas tão fallidas de credito em toda a parte, só faremos hoje de prologo quanto baste para que se não diga que faltou este volume á cortezia; e melhor é assim, que menos campo tomaremos aos artigos uteis ou agradaveis, que são o a que o nosso instituto nos obriga, e por que nossos leitores teem direito e acção de nos tomar conta.

Continuando a REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE a ser, com pouquissimas e imponderaveis excepções, collaborada por quasi tudo quanto ahi ha de mais illustre em Sciencias e Lettras, e continuando o seu redactor a admittir e convidar para estas justas e torneios publicos todos os ingenhos bons e amigos da terra patria, já se póde sem temeridade affiançar, que não desdirá por somenos o presente volume dos anteriores.

Continúa o nosso programma a ser o mesmo; isto é, — o Primeiro Logar — para os Conhecimentos Uteis, em que se comprehendem os descobrimentos, inventos, ou aperfeiçoamentos nas Sciencias, Artes ou Industria em geral, nacionaes ou estrangeiros; a vulgarisação dos alvitres ou concelhos uteis, mormente em relação á Agricultura, Minas, Fabricas, Vias de transito, séccas e fluidas, e Commercio: e tambem os assumptos moraes e religiosos, quando e como intendermos ser necessario il-os ministrando: — a Segunda parte, para as Variedades em que haverá sempre, com a commemoração obrigada de algum feito portuguez, coisa que só a quem o não for poderá parecer importuna ou dessaborosa, algum trecho de litteratura mais amena, especialmente poesia, romance historico patrio, e novellas ou contos, mas sempre originaes, honestos e de proveito: — na Terceira Parte finalmente se compreenderão as Noticias de todos os successos, feitos ou dictos notaveis, que houvermos colhido de qualquer parte do reino pelo decurso da semana, quer desgraçados quer faustos, quer de pranto quer de riso, quer de crime quer de virtude, quer vulgares quer nobres: — e n'este capitulo, que é ao mesmo tempo Valerio Maximo, e Supíco, diligenciaremos, como é nosso costume, misturar com a verdade o adubo do sal onde competir, e, onde convier, a substancia das ponderações moraes e christãs, que não são indecentes como para si teem e o chegam despejadamente a dizer alguns, que afóra estas duas todas as mais coisas do mundo reputam por decentissimas; — boa gente, bom gado, boas alimarias: — mas não escrevemos para ellas. Ellas tambem desforram-se, que não escrevem para nós, nem para ninguem.

Duas unicas suppressões fizemos, pouco ha, n'este capitulo das noticias; — não as revogaremos n'este volume, — antes porventura accrescentaremos outra nova.

A primeira das duas foi a das *novidades politicas* tanto *estrangeiras* como *nacionaes*: — a segunda a dos *actos officiaes* do governo.

As novidades politicas no apertadissimo resumo, com que eramos obrigados a escrevel-as, pouca ou nenhuma idéa verdadeira do que ía pelo mundo podiam dar aos curiosos; e os que o forem, qualquer que seja o recanto de provincia em que residam, facilmente haverão nos papeis politicos quotidianos, que para toda a parte correm, com que fartar as suas sedes.

Os actos officiaes, como os nós resumiamos, tinham sim a vantagem de offerecer, a quem n'isso se interessasse, uma synopse desenfastiada, e um indice remissivo para irem por elle procurar o que lhes conviesse; mas tambem esta parte nos comia semanalmente mais espaço do que porventura valia, e como noventa e nove centessimos dos leitores a saltavam a pés junctos, só por um de cada cento poderá ser a nossa determinação desapprovada.

Agora a suppressão nova que, em grande parte pelo menos, nos sentimos tentadissimos a fazer, é a dos annuncios e juizos dos novos livros, folhetos ou folhas, originaes, traduzidos, imitados, paraphrasecados, ou parodiados, que forem nascendo ou abortando d'esses prelos.

No largo decurso d'esta redacção, que já dura ha quasi tres annos, e, fora d'ella, em tudo o que havemos escripto n'outros periodicos, ou em livros nossos, e sempre nas conversações litterarias, que folgamos de ter com os nossos amigos intimos, temos procurado com severo escrupulo fazer a critica litteraria com verdade e lisura, sem amor nem odio; mais com a mira no aproveitamento alheio do que armando rede para pescar lisonjas e favores, com que os indevidamente lisonjeados e favorecidos não deixam ás vezes de pagar a vilesa de um escriptor sem consciencia.

Podemos e havemos de ter errado: — não dependia isso de nós: — o que de nós dependia, era o não mentir: — NÃO MENTIMOS.

A mentira do critico litterario, com parecer venialidade de pouco ou nullo effeito, é, em nossa conta, delito gravissimo, prostituição de alma propria para corromper as dos outros, falsificação da balança que de cima se nos pendurou para pesarmos recto; e quanto maior for a fé que em nós se tem, maior e mais ingrata aleivosia, peior e mais imperdoavel maleficio para com os nossos contemporaneos e para com a posteridade, a quem não poucos erros se transmittem: — entretanto o desempenho d'este nobre officio, — que se toma por vocação e não obrigado, que se exerce sem estipendio nem agradecimentos, e em que todos os dias se fazem sacrificios a uma divindade ideal, para se ser apedrejado por alguns e defendido por ninguem, — cançou-nos a final; e, se Deus nos conservar o proposito com que n'esta hora estamos, nunca mais annunciaremos senão aquillo de que não houver para dizer senão louvores. Por esta parte entramos na Capua da republica litteraria; penduramos a espada para podermos despir a loriga, desembraçar o escudo e deslaçar o capacete: — agora, rosas e amores: perca-se muito embora o fructo de ter vindo da Africa pelejando até aqui.

Nós não parimos a patria, nem as lettras, nem a verdade — ¿ porque nos haveriamos de matar por ellas?

Não, senhores, a critica inteira — a critica digna do seculo — a critica boa que mostra o bem e o mal — o bem com alegria, com enthusiasmo e sem sombra de inveja, — o mal encolhidamente, caridosamente, e mais para cura do que para castigo, — essa critica fecunda para as artes, para as sciencias, para a moral, para a civilisação sob todos os seus aspectos, essa, que a façam como a fazem, ha muitos annos, a França, a Inglaterra, a Allemanha: — nós não o ousamos nem talvez o podemos; somos poucos e pequeninos, encontrâmo-nos todos duas vezes por dia; a nossa capital, a nosssa blasonada capital, não passa, a muitos respeitos, de uma aldêa de *Pae-Pires*.

Elogiaremos só: — mas, ainda assim, n'esta tranqueira de covardes, evitaremos o ultimo da infamia de que tantos se não correm: elogiaremos unicamente o que nos parecer para elogiar; e isso elogial-o-hemos francamente. Conhecemos por ahi bastantes com quem poderiamos documentar o dicto, que, pondo nos *cornos da lua* a ruim obra, ruimmente concebida e ruimmente executada, preterem com absoluto silencio, ou só louvam, como contrafeitos e sobre-posse, aquella que estava pedindo para si apreço, e animação para seu auctor.

Renunciando a heroicidade de Quixote litterario, já que d'entre tanto povo periodiqueiro nem sequer um Sancho nos appareceu que nos ajudasse, não demittimos de nós a honestidade natural, que sempre nos obrigou a não roubar a cada um o que é seu, antes a dar-lhe o que lhe pertence avantajado.

E todavia este mesmo caminho, que, tão de rosas parece, não vae todo livre de abrolhos; porque, uns se offenderão com o silencio, e só por essa culpa negativa nos hão-de apedrejar; e outros tomarão o encomio alheio como desar proprio.

Uma reflexão muito profunda ouvimos nós, quando ainda meninos, a um já piloto velho e traquejado nos baixios d'este mundo, que então não intendemos, porém que a experiencia, mestra cruel mas efficaz, nos explicou: — e esta queremos agora dizel-a á gente moça, ainda que saibamos que a não apprenderá só de a ouvir: — « ha mais perigo muitas vezes no louvar do que no vituperar; o vituperar faz um inimigo, o louvar faz tantos inimigos quantos são os invejosos, e ainda por cima, o mais das vezes, um ingrato. »

Póde ser que a final até d'esta meia analyse só panegyrica nos venhamos a abster, se o nosso medico assim nol-o receitar; mas por ora, se os bons propositos nos não faltarem, será ella tudo o que em materia de critica nos permittamos.

Eis-aqui as tenções, que julgamos, nos durarão por todas as quarenta e oito semanas d'este volume, se até ao fim d'ellas nos aturar a vida e a saude: — doctrinas uteis e praticas; instrucção varia e aprasivel; noticias abundantes e temperadas de proveito; respeito e admiração para tudo o que fôr nobre e sábio; paz profunda ou podre com tudo o que fôr vil ou nescio.

D'esta arte sem nos livrarmos de ser ladrados e mordidos na sombra por alguns sabujos, a quem não atiramos, porque, de tão magros e esganiçados que são, nos mettem dó, não deixaremos de desfructar a mesma benevolencia e boa sombra, com que o Publico em geral, e, em particular, as pessoas de mais alta esphera e conceito nos teem constantemente favorecido.

Poucos d'entre os Prelados e Governadores civís d'este reino e suas possessões além-mar (é uma publica homenagem ao seu amor de patria e um solemne testimunho que lhes damos do nosso animo agradecido), poucos ou quasi nenhuns deixaram de recommendar em circulares a todos os seus immediatos inferiores a REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, como o papel (bem haja a possantissima collaboração que nos assistiu sempre) mais cordialmente portuguez e mais eminentemente civilisador, quer no sentido dos progressos materiaes, quer no dos moraes, que jamais se executou ou concebeu em Portugal.

Algumas e muitas d'estas circulares fariam fé plenissima do nosso dicto, se melindres que todos podem adivinhar, nos não atassem a mão cobiçosa de as transcrever. Em virtude d'este superior amparo, a nossa folha, inofensiva sempre e mensageira de bons presentes, logrou a fortuna que em todos os nossos sonhos de ambição mais lhe haviamos desejado. Penetrou em grande numero de residencias de parocos ruraes; e como pelos paes se chega aos filhos, por elles despartiu as luzes, que levava, ás boas gentes das aldêas que ainda por si não sabem ler. Triste e dolorosa verdade é, que d'entre esses innumeraveis parochos ruraes, a quem, por mais distantes dos focos de illustração, que são as cidades e as capitaes, mais util poderia ser, para si e para o seu rebanho, a leitura de um papel, que lhes levava as comidas solidas e nutritivas já feitas e trinchadas, muitos e muitos por penuria ou de dinheiro ou de amor dos homens, ou de intendimento e curiosidade, e não raros talvez por não saberem ler (que assim vae muita parte do clero e, com elle, muita parte da crença, da boa morigeração e da fortuna popular pela agua abaixo) logo que

Poderam, saltaram para fóra da rede, em que os seus prelados amorosamente os haviam pescado para nos lá coadjuvarem, como ledores e exhortadores, na obra de civilisação, que nós como escriptores laboriosamente andamos fazendo a bem d'elles, de nós mesmos e de todos. — ¡ Que sanctos homens do Evangelho, esses que por forrarem 600 réis em tres mezes, isto é, 200 réis por mez, isto é, 50 réis por semana, se privam de um ensino facil, que sem fadiga de muitos passos, de muitas bibliothecas revolvidas, de muitos homens consultados, de muitas noites passadas em claro, os habilitaria para interterem os seus parochianos, que são ou devem ser as suas familias e os seus filhos: contando-lhes apoz os successos raros que lhes captariam a attenção e os predisporiam para pensamentos sisudos, os novos inventos, os conselhos de tomo, que homens laboriosos e humanos d'esta ou d'outras terras apartadas offereceram para a fecundação dos campos, para o melhor aproveitamento dos seus fructos, para a abundancia, alegria e felicidade das familias!! ¡ ¡ que discipulos dos discipulos de Christo!! Por não desaferrolharem das mãos, mirradas e paraliticas para a obra da caridade, a miseravel moeda de cincoenta réis, privaram-se do gôsto (não dizemos bem) livraram-se da tentação de semear saudades para depois da sua morte na terra, a que Deus os prepuzéra como sal e como luz. ¡ Talvez que a leitura de uma pagina d'estas, indusindo-os a reflectir, lhes tivesse feito aproveitar os meios que o seu caracter, o seu credito, e a sua posição lhes davam para bemaventurar a umas poucas de aldêas indigentes! ¡ Talvez que á sua voz campinas sáfras e mortas se houvessem coberto de amoreiraes, e o oiro entrasse por portas que nunca d'antes se fecharam, porque nem um pão negro havia lá dentro que furtar! ¡ Talvez que pelo seu concelho, as caixas economicas houvessem preparado em silencio muita velhice tranquilla, promovido muito casamento, obstado a muito vicio e a muita perdição! ¡ Talvez que um novo instrumento rustico houvesse diminuido metade da despeza áquelle para quem essa metade mesma excede as suas posses! ¡ Talvez que uma receita facil, com que elles podessem acudir n'um lance apertado, viesse a salvar um pae para seus filhos ou um filho unico para sua mãe viuva! ¡ Talvez que houvessem achado com que obstar a que um infeliz, illudido por vãs promessas, trocasse a terra do seu nascimento por escravidão, ignominia, fome, nudez, enfermidades e prematuro fim em mundo estranho! ¡ Talvez.................. talvez que o seu nome ficasse lembrado na parochia, como o de Francisco Gomes do Avellar o ficou em todo um bispado, e os vindoiros passando pela sua sepultura para irem á missa ao domingo, dissessem parando e descobrindo a cabeça — « ¡ aqui jaz quem foi um verdadeiro parocho, um homem de bençam, um enviado da Providencia, um amigo dos pobres, cujas obras beneficas lhe sobrevivem e nos estão hoje afortunando! »

Mas o meio tostão!. ........ sim é verdade.... .... o meio tostão tinha abalado!........ Sem duvida a felicidade do povo não merece tanto: ¡ andae, andae e queixae-vos ainda do seu desamor! ¡ queixae-vos do descredito e desprêso em que de dia para dia vos afundís cada vez mais!...... ¡ quando a final clamardes — « que vos acudam, e estenderdes a mão para que vol-a tomem, já não será tempo!

Mas cessemos tambem de fallar com estes homens nojentos, opprobrios de uma religião civilisadora, pois que nem nos leem, nem gente são (ainda que nos lessem) capaz de quererem converter ou converter-se. Fallemos com os que não são egoistas vandalos, com os que não teem um coco emvez de cerebro e um seixo no lado esquerdo do peito; a esses pedimos que folheem o indice de qualquer dos tres volumes findos; e, recordando-se dos artigos n'elle apontados, digam — « se sim ou não nos havemos até aqui fielmente desempenhado da nossa eterna promessa, de bemfazer á Patria, ás familias e aos individuos. »

Não fallâmos já por parte das idéas moraes, a que outro jornal chamou, por fórma de escarneo, doctrina christã (gravissima injuria se tivesse um átomo de senso commum): fallemos só dos interesses materiaes, que todos hoje arrotam e blasonam, mas que tão pouco, de feito, se promovem.

¿ Qual é d'estes nossos tres volumes aquelle, de que a seu possuidor, se porventura aproveitou tudo o que n'elle lhe podia servir, não resultou a final um ou muitos lucros pecuniarios, dez vezes ou cem vezes ou incalculavelmente, superiores ao pequeno preço por que todos os tres volumes lhe saíram? e isto olhando cada qual só para si, que, se tomado de mais nobre e generoso espirito, contemplar todo o complexo de seus concidadãos, descobrirá quanto este pequeno mas perseverante papel tem derramado de solidos e incontestaveis beneficios por todo o reino.

Esse alardo não o queremos nós fazer: uma leitura attenta dos nossos indices sobrará para convencer aos mais incredulos ou malignos, de quanto elle nos seria facil.

Sobre estes inconcussos fundamentos e mais pelo amor do publico bem que de nós mesmos, vamos com a mais animosa confiança sollicitar do Governo de Sua Magestade a suppressão dos portes do correio para a nossa folha, como para si obteve, pouco ha, o *Diario do Governo*. ¡ Quem ao bom exito de tal requerimento se opporia, quando, no proprio imperio ottomano, um firman do grão senhor baixou espontaneo para eximir de quaesquer direitos, — tudo quanto para as estrangeiras irmãs da caridade viesse de França ou de qualquer parte, destinado a servir no exercicio do seu benefico e generoso ministerio! — O que o turco fez a umas christãs francezas, só porque nos seus estados pensavam feridas, assistiam a enfermos, ajudavam e esforçavam moribundos, como podia jámais negal-o Sua Magestade Fidelissima a um papel, obra de tudo o que ha de mais portuguez, de mais illustrado e de mais zeloso, e dirigido constantemente a procurar remedios aos males da patria, a promover-lhe no pouco e no muito, no tocante ao corpo, ao espirito e ao coração, quantas ditas occorrem como possiveis!

A esta commodidade e facilitação para os nossos assignantes, que depende da real vontade e com que por isso contamos affoitamente, outro beneficio vamos ajunctar que, porque só depende de nós, desde já annunciamos como feito.

Considerámos nós, que para se realisar a introducção de coisas prestadias, não basta muitas vezes annuncial-as, como existentes e certas; mas é necessario proporcionar facil e seguro o modo de as obter, mormente quando a coisa apregoada por boa, e di-

1 *

gna de se acclimar em nossa terra, mora em terra de estrangeiros.

Como remedio a isto nos occorreu fundar no escriptorio, d'onde sae a folha que taes objectos costuma sempre denunciar, um armazem por onde os desejosos de os experimentar por si mesmos os possam facilmente conseguir. Uma nova semente ou planta, uma nova machina ou instrumento, um novo livro ou remedio, tudo á primeira ordem dos nossos subscriptores se mandará vir pelos correspondentes, que já para isso temos em París e Londres, e muitas vezes muito antes d'essa ordem, para poupar delongas na acquisição dos beneficios.

Quando taes objectos, sementes por exemplo, forem de baixo preço, a empreza poderá ter a satisfação de os distribuir gratuitamente aos seus subscriptores, como ja fez com o trigo imperial, o milho gigante, a cevada sancta, o esparceto, a couve do Algarve etc., etc., etc. — No caso contrario, mui paga com a idéa de lhes ter sido util, ella não exigirá mais preço que o custo, seguro, fretes e direitos que houver pago; os objectos mesmos mais dispendiosos, taes como machinas para fabricas e outros, virão egualmente, apenas encommendados, mediante já se sabe o prévio deposito ou fiança que haja de responder pelo reembolço. Por este modo muitas noticias, que até agora apenas vinham excitar cobiças inuteis ou pesares, poderão sem grandes embaraços nem demoras converter-se em factos positivos e palpaveis.

Tão boa vontade, como a que nós mostramos e sempre temos mostrado de contribuir, quanto em nós cabe, para a prosperidade da familia portugueza, merece bem que os outros, tão membros d'ella como nós, nos coadjuvem em quanto d'elles depender. Supplicamos pois novamente o que já tantas vezes e quasi sempre debalde havemos pedido — que toda a pessoa, por quem qualquer das nossas receitas ou propostas houver sido experimentada, se digne, pelo interesse commum, de nos participar qual foi o exito, que lhe surtiu; afim de animar a outros, se foi feliz; ou de lhes poupar tempo, trabalho e despezas, se (como tão a miudo acontece) o alvitre era falso, especioso ou, por alguma particular razão, inadmissivel.

Unicamente assim, é que uma obra da importancia d'esta se póde expurgar de muitos erros e aperfeiçoar-se.

Nenhuma razão de melindre para com a redacção impeça a quem quer que fôr de lhe acudir com as suas correcções. — A redacção de uma só coisa porventura é vaidosa; mas essa coisa não é o dom da infallibilidade, que ella bem sabe que não possue; — é a sua ancia de servir e aproveitar.

A todos e a cada um continua a redacção a pedir, como ha tres annos o faz, — que lhe communiquem tudo de que possa, directa ou indirectamente, resultar utilidade, credito, instrucção, ou augmento de brios á nossa gente; assim como os acontecimentos dignos de memoria, que, por qualquer modo certo, lhes constarem, acompanhados de todas as circumstancias, que possam contribuir para serem lidos com curiosidade, conservados na lembrança, e relidos ainda com gósto, passados annos; porque estas folhas da Revista, que hoje saem descosidas e com intervallos de septe dias, constituem a final volumes, que, diversos de muitos outros jornaes e livros, não hão-de ser anniquilados ou ficar esquecidos e intactos no fundo das livrarias ou dos sótãos: — nas horas desoccupadas, nos domingos melancolicos e caseiros do outono, nos espaçosos serões do inverno, tão difficeis de encher a quem demora por longe das cidades grandes, a Revista velha virá muitas vezes, com a variedade das suas narrativas, cujo interesse nada tem que vêr com as datas, interter as attenções de muitas familias, e, intertendo-as, semear, manso e manso, nos animos juvenís de ambos os sexos, principios de virtude, de rectidão, de humanidade, de generosidade, de respeito ás leis divinas e humanas, aos vinculos do sangue, aos da amisade, aos da sociedade.

Nas collecções de muitos outros periodicos difficilmente se encontrará de longe em longe, coisa, que, passados poucos mezes, se possa reler com algum agrado: na d'este, pelo contrario, o hypothetico, o ligado essencialmente com os interesses transeuntes e fugitivos do dia ou da occasião, em que saíu a lume, é tão pouco, tão absorvido na grande massa de coisas para todos os tempos, para todos os logares, e para todos os homens, que apenas, de muitas em muitas columnas, esses ledores futuros toparão com uma para saltar.

Mas digâmol-o porque é justo: — da confrontação que assim fazemos d'esta folha com a mór parte das outras, nenhuma deshonra pertendemos para ellas inferir: — a sua profissão, os seus fins, o seu intuito são outros, tambem necessarios, bons e louvaveis se os não desacompanha a consciencia. Elles pelejam, nós edificamos: elles defendem as bandeiras que juraram por melhores, nós, humildes artifices, andamos apparelhando, para os que já cá estão e para os que hão de vir, o celeiro, a dispensa, a cosinha, a cama, a sala da aprasivel convivencia, a horta, a vinha, o pomar, o olival, as fábricas, as calçadas e estradas, os caes, as escólas, o theatro, e o templo; — ¡que muito que a nossa obra haja de durar mais do que a d'elles! — Os militantes armam barracas que depois de um vasto rumorejar de algumas horas se enrolam e desapparecem. — como apoz uma batalha campal, os cadaveres que juncam a terra, o fumo que ensombra os ares, os feridos que blasfemam e amaldiçoam, os vivos e sãos que tocam os hymnos da victoria, tudo se esvae sem deixar vestigio; — não assim os pobres obreiros; vão-se elles tambem e esquecerão; — mas fica e permanecerá a cidade, que erigiram, que alindaram, que rechearam de commodidades, de delicias e de força.

Seria difficil reunir no espaço d'esta folha (que algum dia, se a fortuna favonear o nosso empenho, apparecerá duplicado) maior copia de boa leitura, ou, fallando mais positiva e materialmente como requerem os habitos e estylo da nossa edade, seria muito difficil, se não impossivel, dar mais fazenda por tão baixo preço.

Sommam os nossos tres volumes findos 1:768 paginas; que vem a ser em columnas 3:536; cada uma d'estas columnas em formato regular de oitavo daria duas paginas, o que somma paginas 7:072 supondo que n'esse formato de oitavo se não empregava typo mais graúdo. Reduzindo porém a *pandeta* o muito *breviario* que temos dado, por um calculo

baixo subiria este numero de paginas ao de 7:500. 7:500 paginas, divididas por volume de tresentas, dariam 25 volumes; isto é, cada um dos nossos tres contém avantajadamente a materia de oito volumes e não custou a cada subscriptor mais do que 2400 réis, isto é, saíu-lhe cada volume de oitavo pelo vil preço de 300 réis.

Verdade é que, para podermos chegar a este resultado de abundancia e baratesa, houvemos de sacrificar algum tanto a formosura tipographica ás considerações da utilidade real, que para um jornal de conhecimentos uteis deviam ter o primeiro logar: a nossa pagina alaga quasi as suas margens; é cerrada e macissa, sem intervallos em branco para lisonja dos olhos; sem lettra grande nos artigos mais distinctos para attrair, antes muitas vezes inçada do caracter mais miudo que na caza temos.

Se em tudo isto havemos peccado contra o bello, merecemos remissão, quando não seja louvor, porque antepuzemos, á satisfacção de apparecermos alindados o empenho de aproveitar mais, e servir melhor.

Por aqui ficamos.

De dois novos projectos que temos, e que esperamos poder realisar já n'este volume, não obstantes as difficuldades que se lhes oppoem, ambos tendentes ao afformoseamento e maior agrado da Revista Universal, não ha fazer por ora grande alardo; mas summariamente vá dicto, que é o primeiro — adornar com gravuras o nosso texto; — o segundo — ajunctar ao capitulo das noticias (para condescender com as reiteradas supplicas de muitos subscriptores) as das modas, competentemente illustradas com pinturas. — Mas repetimol-o, se algum d'estes empenhos ou ambos elles se realisam, não poderá ser ainda nas primeiras semanas.

Insensivelmente nos havemos alargado n'este prologo mais do que a principio promettêramos. Levou-nos apóz si o gôsto de conversarmos com os nossos amigos, que em tal conta folgamos de ter aos nossos Leitores; — a um extravio tão bem causado todos elles darão vénia.

---

# CONHECIMENTOS UTEIS.

## CAIXA ECONOMICA CENTRAL.

RUA DE S. FRANCISCO N.º 44.

*(Carta.)*

3197 Tendo sido informado de que V. approvando completamente a instituição das caixas economicas, só desejava para lhe dar publicidade na *Revista Universal*, que lhe fossem ministrados alguns esclarecimentos, satisfaço aos desejos de V. com a remessa do relatorio, dos estatutos, e instrucções da caixa economica central; e sollicito instantemente de V. que se digne prestar a esta publicação o auxilio da sua penna. De V. etc.

Lisboa 15 de julho de 1844.

*José Augusto Braamcamp.*

Foram remettidos a esta redacção os estatutos e instrucções da caixa economica central; concorreremos quanto em nós couber para que se pregoem e sejam de todos conhecidas as vantagens de um estabelecimento tão moral como benéfico.

Já no nosso jornal em diversos artigos se tem feito considerações momentosas sobre esta materia; não ha coisa nova para ajunctar.

Recommendamos ainda assim a nossos leitores, que meditem o projecto de lei apresentado á camara dos Srs. deputados pelo Sr. Antonio de Oliveira Marreca sobre caixas economicas, e que é precedido de um luminoso e eloquente relatorio. O que portanto só nos fica para fazer, é pedirmos aos nossos concidadãos, a todos os homens que prezam a moral publica, a todos aquelles para quem não é indifferente o espectaculo da miseria a que estão condemnadas as classes pobres em Portugal, a todos os donos de estabelecimentos aonde se congregam muitos braços e que não poderão desconhecer a superioridade do trabalho de um homem morigerado sobre o de um devasso, e finalmente ao clero portuguez — que auxiliem os jornaes, e abracem de coração esta sancta cruzada dos nossos tempos.

Se cada uma das pessoas a quem se dirigem estas linhas quizesse convencer — a um só individuo — que fosse, — das vantagens da caixa economica, do modo porque uma economia suave mas constante, póde livral-o dos maiores apuros e angustias, veriamos crescer ainda mais rapidamente a affluencia já tão consideravel dos depositantes, segundo se vê pelas estatisticas das duas primeiras semanas da sua fundação.

Sem desejarmos ser demasiado extensos sobre um objecto, que aliás merece toda a consideração, reproduziremos alguns trechos do relatorio que precede os estatutos da caixa economica central.

*Extracto.*

« Acabou a época dos thesoiros do acaso, da riqueza sem trabalho; passaram os seculos de D. Manuel, e D. João V. — Em troco d'esta riqueza não merecida (porque só é legitimo titulo para a possuir o trabalho), em logar d'essas glorias que foram, para substituir tantos vinculos de ordem e bom governo perdidos agora e rotos, temos nós, a geração moderna, de reconstruir sobre uma nova base uma nova sociedade, da qual sejam elementos e sustentaculos a moralidade, o trabalho, a previdencia, e a união de todos os pequenos meios, verdadeiro principio da força das nações, verdadeiro manancial da sua prosperidade. «

« A educação do povo é portanto o objecto que mais requer a séria attenção de todos os portuguezes, e desgraçadamente é o que tem sido mais despresado até hoje. Banir a ociosidade, propagar tendencias de ordem, desarreigar vicios habituaes, proporcionar recursos para os revezes, estreitar os laços de familia, desinvolver as melhores inclinações da natureza humana, são preceitos que nos inspira a religião de nossos paes. Para facilitar porém a pratica d'elles, para obter essa solida base, que até hoje tem faltado á politica do reino, não bastavam as escolas regias, ainda que existissem em numero, e com as condicções requeridas; tornam-se necessarias tambem varias outras instituições, entre as quaes figura em primeiro logar a das caixas economicas. »

« Os estatutos, que se seguem a esta exposição, são destinados a preencher esse fim tão importante. N'elles se acham consignadas todas as garantias necessa-

rias para inspirar uma completa confiança aos depositantes. E se porventura a affluencia dos depositos não fôr desde logo tão consideravel como é para desejar, não tardará que os receios se desvaneçam, e que o novo estabelecimento vingue e floreça. «

« Pelos artigos 3.°, 4.°, 5.° e 6.° se vê que a companhia, não contente com os privilegios que garante aos depositos a legislação patria, não satisfeita com a especialidade e solidez das hypothecas que presta, ainda invocou o auxilio de pessoas estranhas, para não restar a menor duvida sobre a existencia de uma verdadeira e desinteressada fiscalisação. «

« O artigo 7.° estabelece um onus de não pequena monta para a companhia. Não só a administração da caixa é gratuita, como cumpria que fosse, mas tambem todo o seu multiplicado e dispendioso serviço é por conta da companhia. «

« O artigo 8.° consigna um juro, por certo subido, e muito superior ao de todas as outras caixas economicas conhecidas. E se fica estabelecida a possibilidade de o ver baixar, similhante circumstancia, longe de assustar, antes será animadora, pois indica o restabelecimento do credito, e de um consideravel augmento da riqueza publica, que deverá forçosamente refluir sobre as classes industriosas. «

« A capitalisação dos juros não recebidos no fim de cada 90 dias é uma consideravel vantagem, que não poderia ser concedida, a não ser a analogia d'essa operação com as transacções que a companhia effectua. «

« O artigo 9.° consigna as formalidades necessarias para se effectuarem os depositos. São as mais simples que é possivel imaginar, e todas são tendentes a confirmar o direito de propriedade, a fim de que nenhuma duvida ou embaraço possa suscitar-se para a restituição dos depositos. «

« Desejando chegar ao alcance dos menos abastados, e roubar a tantas causas de desperdicio as pequenas sobras de cada dia, estabeleceu-se o minimo de um tostão para cada deposito. A exclusão das fracções d'esta quantia é para evitar maiores embaraços n'uma escripturação já por si tão minuciosa e complicada. «

« O artigo 10.° estabelece as annuidades tão conhecidas e appreciadas nos outros paizes, mas das quaes entre nós não ha exemplo. Esta sementeira a praso longo, este dote antecipado de uma geração futura, este pequeno thesoiro que a providencia e a sollicitude de um pae reserva a seus filhos menores, deixando ao tempo o cuidado de o augmentar, tornar-se-ha possivel de hoje em diante. «

« Pelo artigo 11.° exige-se a firma de um dos directores e do thesoireiro para validar a inscripção de qualquer deposito no respectivo *caderno*. Similhante formalidade tende a authenticar ainda mais o direito de propriedade; evitar os erros que poderiam introduzir-se em tão miudas e repetidas operações, sendo confiadas a empregados subalternos; e dá maior garantia aos interessados. «

« O artigo 13.° não fixa por emquanto os dias destinados para a recepção e restituição dos depositos. N'uma empresa inteiramente nova não é possivel marcar definitivamente todos os passos que ella terá a seguir, sobretudo quando dependem de circumstancias, que poderão ser mais ou menos variadas. «

« O artigo 14.° garante aos depositantes o juro desde o dia da entrada até ao da requesição. Em nenhuma outra caixa se concede, nem era possivel conceder, tamanho favor. »

« O artigo 15.° promette o estabelecimento das delegações. Oxalá que esta promessa possa brevemente ser cumprida, e seja ella uma solemne protestação contra o funesto systema que tem concentrado na capital todos os elementos de prosperidade, como se o resto do paiz não fosse tambem solo portuguez. »

« O artigo 17.° institue o juizo arbitral, afim de evitar todas as delongas, despesas e mais prejuizos dos processos ordinarios, e torna-se propicio para os depositantes, porque, além d'estas vantagens, confere a nomeação do arbitro por parte da caixa a esse conselho de pessoas estranhas á mesma companhia. »

« Todas as disposições consignadas nos artigos 16.° 18.°, 19 ° e 20.° são de uma necessidade e vantagem evidente, devendo resultar da publicação do balanço da caixa não só uma nova fiscalisação sobre as suas operações, mas tambem a collecção de muitos dados estatisticos, cujo conhecimento deverá no futuro suscitar importantes medidas de utilidade publica. »

« Estas são as principaes disposições, pelas quaes se ha-de regular a nossa Caixa Economica: e não hesitamos em asseverar que nenhuma outra apresenta eguaes vantagens, o que não impedirá comtudo que quaesquer aperfeiçoamentos, que a experiencia houver de indicar, sejam promptamente abraçados. »

« Mettamos portanto mão á obra, e o resultado coroará os nossos esforços. Já vae longe a epoca em que a novidade era por si só um ferrete de reprovação. E se uma dura experiencia nos tem tornado cautelosos contra a cega imitação dos estrangeiros, tambem nos levou ao ponto de que, reconhecidas as vantagens de qualquer importação estranha, com animo confiado e seguro a transplantemos para esta nossa terra portugueza tão digna de ser feliz. »

« Ahi se acha aberto um vasto campo para a virtude da caridade. Naturalmente propensos a nos condoermos da desgraça alheia, aproveitemos este meio pelo qual podemos melhorar a sorte de tantos infelizes, promovendo ao mesmo tempo o augmento da sua moralidade. Emvez de nos contentarmos de uma esteril liberalidade, a qual, cega distribuidora de beneficios não merecidos, deixa quasi sempre de remediar a verdadeira indigencia para alimentar o vicio e a hypocrisia, procuremos facilitar o trabalho ás classes menos abastadas, e protejamos, quanto em nós estiver, a instituição das Caixas Economicas. »

*Seguem-se as instrucções:* —

« A caixa economica é uma instituição de beneficencia, e moralidade. Aceitando qualquer deposito, por mais tenue que seja, e abonando-lhe o juro correspondente, ella facilita a todas as pessoas industriosas o meio de crearem um peculio para as épocas da adversidade. «

« Os privilegios, que as leis do reino garantem aos depositos, são essencialmente applicaveis n'este caso. »

« A caixa economica terá sempre em cofre o equivalente dos seus fundos em valores realisaveis, que lhe serão dados como penhor pela companhia União Commercial. »

« Um conselho, composto de doze pessoas philantro-

picas, e estranhas á companhia, tem, entre varias outras attribuições, a de fiscalisar essa hypotheca.»

«A gerencia da caixa é inteiramente gratuita para os depositantes.»

JURO.

«No principio de cada anno se annunciará o juro que os depositos hão-de vencer.»

«Por emquanto este juro é fixado a razão de cinco por cento ao anno.»

«A toda a somma que tiver estado em deposito durante noventa dias se addiccionará o juro correspondente a esse prazo, e as duas quantias reunidas começarão a vencer novos juros.»

«O juro começa a correr desde o dia da entrada até áquelle em que fôr reclamada a restituição do deposito. O menor prazo por que se contam juros são dez dias.»

«Todas as fracções de tostão não vencem juros.»

PRIMEIRA ENTRADA.

«Todos os depositantes, no acto de fazerem a primeira entrada, deverão assignar-se no registo competente, e declarar por escripto com a maior exactidão os seus nomes, estado, edade, profissão, e residencia. Na mesma occasião receberão um caderno, que servirá para n'elle se consignarem todas as sommas com que entrarem, sendo a inscripção de cada uma d'ellas firmada por um dos directores, ou quem suas vezes fizer, e pelo thesoureiro. Este caderno serve de titulo aos depositantes para provarem o seu credito.»

«A falta de assignatura dos que não souberem ou não poderem escrever será supprida por uma assignatura a seu rogo, abonada por duas testimunhas.»

«Tanto os individuos ausentes ou impossibilitados, como as sociedades legalmente constituidas, poderão fazer depositos na caixa economica por interposta pessoa, munida de uma procuração impressa para esse effeito, e legalisada.»

«Nenhum deposito poderá ser menor de um tostão, nem comprehender fracções de tostão.

«Não se acceita cobre na entrega dos depositos.»

ENTRADAS SUBSEQUENTES.

«O dono de um caderno em que já houver a primeira entrada, póde fazer as entradas subsequentes por intervenção d'outrem.»

ANNUIDADES.

«A caixa economica aceita o deposito de quaesquer sommas para serem entregues com a accumulação dos juros respectivos, sendo por conta de menores, na sua maioridade, e sendo por conta de maiores, na época que se convencionar, á sua ordem.»

PAGAMENTOS.

«No principio d'estas instrucções estão designados os dias e horas em que se hade effectuar a restituição dos depositos: qualquer alteração a este respeito será annunciada por editaes. Todo o depositante que pertender retirar alguma quantia da caixa, deverá reclamal-a por escripto, e apresentar o respectivo caderno. Cinco dias depois será satisfeita a reclamação, e restituido o caderno. N'este caso deverá comparecer o proprio interessado, ou pessoa devidamente auctorisada, e munida de uma procuração.»

«A mulher casada carece da auctorisação do marido para levantar um deposito, postoque tivesse sido feita em nome d'ella.«

«Quanto aos menores exigir-se-hão as auctorisações legaes para o mesmo effeito.»

«Por morte de um depositante os seus herdeiros compareceräo na caixa a fim de receberem as instrucções necessarias para retirarem a successão.»

«Por cada pagamento haverá um recibo especial; sendo porém o embolso integral do deposito, o respectivo caderno, depois de saldada a conta, ficará depositado no archivo.»

TRANSFERENCIAS.

«Logo que estiverem estabelecidas as delegações da caixa central, effectuar-se-hão gratuitamente quaesquer transferencias de depositos de umas caixas para outras.»

ASSENTAMENTO NOS CADERNOS.

«Todas as vezes que for necessario demorar na caixa os cadernos, seus donos receberão uma cautela que servirá de titulo para lhes serem restituidos.»

JUIZO ARBITRAL.

«Todas as contestações que se suscitarem entre a caixa economica, e qualquer depositante, ou seus representantes, serão decididas por juizo d'arbitros e sem appellação nem recurso. A nomeação dos arbitros será feita pela seguinte maneira.»

«O conselho da caixa economica nomeará um arbitro, e o depositante outro. O conselho, e o depositante nomearão mais um arbitro cada um, dos quaes se extrairá á sorte um, no caso de empate dos primeiros a fim de decidir.»

*N. B.* Os modêlos das procurações e mais actos de que tratam as presentes instrucções serão distribuidos gratuitamente no escriptorio da Caixa Economica Central.

---

## INDUSTRIA NACIONAL.

AVISO.

3198 «A SOCIEDADE Promotora da Industria Nacional faz saber a todos os Srs. Fabricantes, Artistas, Proprietarios d'Officinas, Laboratorios, e Curiosos, que deverão mandar depositar até ao dia 26 de Agosto proximo, no local da Sociedade no extincto convento dos Paulistas, os artefactos que pertenderem appresentar na exposição, a fim da mesma poder ser aberta ao Publico no dia 1.º de Septembro.«

## CARACOES VENENOSOS.

AVISO IMPORTANTE.

3199 PROCURANDO-SE algumas vezes, obstar a um mal, succede contrair-se outro peior.

Ha annos que infelizmente grassam entre nós, com summa frequencia, as molestias atróphicas, a que, por necessaria consequencia se seguem, de ordinario, as asthénias pulmonares. Infelizes dos pacientes, a quem se não previniu a molestia, e esta chegou a ganhar similhante incremento. A morte raras vezes deixa de ser para elles prematura.

Não obstante, como cumpre ao dever da humanidade, e ás ligações dos mais carinhosos vinculos, empregam-se os conhecidos meios, que a medicina recommenda para acudir a estas victimas.

Entre as muitas applicações, usa-se, com mais ou menos vantagem, dos caracoes. Se elles não são um remedio activo, mas tão sómente paliativo, ou spectante, não pertence ao meu juiso decidil-o. Creio sim que o seu uso, será, simplesmente, como

o das carnes brancas, na espectativa d'um nutriente de pouca laboração para estomagos fracos, e a que as digestões custosas damnam sobremaneira. Seja o que fôr; cumpre-nos registar para aqui um facto desgraçado, que aliás se poderia, por inadvertencia, repetir: lê-se na *Encyclopedia Belga* o seguinte:

« Alguns moços appareceram quasi de repente com os simptomas mais expressivos de um funesto envenenamento. As averiguações provaram que realmente estavam envenenados pela acção d'um toxico organico, o da belladona: fóra o caso; — que andando na baixa de um fosso, onde havia bastante d'aquella planta narcótica, comeram alguns caracoes, dos muitos que por ali encontraram; e passados alguns momentos principiaram a sentir as consequencias do envenenamento. Das indagações a que se procedeu, resultou conhecer-se: que os caracoes estavam repletos da belladona, de que se tinham sustentado, e que não estando ella ainda digerida, tinha exercido no estomago dos moços a sua acção deletéria. «

Há muito tempo, antes de eu ter conhecimento d'esse facto, havia observado, em um meu pequeno horto botanico, a avidez com que os caracoes comiam não só esta planta, mas todas as outras, egualmente narcóticas: como a mandrágora, o meimendro etc. porque estas plantas, para os mais tão nocivas, são para aquelles molluscos, um manjar apetitoso. Esta mesma verdade póde examinar-sa no jardim da Sociedade pharmaceutica, aonde eu a fiz já observar a quem o cultiva. É verdade que de ordinario se recommendam com preferencia os caracoes das vinhas, porém, nem sempre se preenche esta indicação, pela distancia em que ficam, e encontrarem-se muitos e grandes pelas hortas, sendo hoje mui commum por ellas a maior parte das plantas narcóticas, de que fallei.

Por estes motivos, e para previnir qualquer desgraça, julgo de summa importancia precaver a todos os que não tiverem reflectido sobre estes factos, para terem, e aconselharem, como faz a obra citada, a devida cautella, no uso dos caracoes. Sendo muito necessario, ter provimento d'elles, em casa algumas semanas antes de servirem, para terem já degirido qualquer substancia nociva, que pelos campos comessem.

Lisboa 28 de Junho de 1844.

O pharmaceutico
*Henrique José de Souza Telles.*

# VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

### A SENHORA DUQUEZA DE BRAGANÇA.

31 DE JULHO.

3200 Com publicos festejos se ha-de julho despedir, por ser o seu ultimo dia o trigessimo segundo faustissimo anniversario natalicio da SENHORA DUQUEZA DE BRAGANÇA; sim, porém a gala ser nos ha este anno descontada pelas saudades.

Na terra do seu nascimento, entre os principes do seu sangue, Ella tambem n'esse dia sentirá, no mais secreto do seu animo e ao lado mesmo de sua Filha; uma sombra de tristeza de que nós, que tanto a amamos, a não quizeramos isenta, porque em Portugal, na terra da sua adopção, é que abriu os olhos o objecto que ella mais amou; em Portugal desfructaram Ambos dias de inefavel gloria e ventura; e em Portugal estão os restos mortaes e as immortaes glorias que d'Elle ficaram.

Todo o mundo lhe fallará n'este dia dos agigantados loiros que enfeitaram o seu doirado berço de princeza: — todo o mundo dobrará os joelhos á neta de um Napoleão, á filha de um Beauharnais; mas á Viuva de D. PEDRO mostrar-lhe a historia de D. PEDRO, que a seus olhos eguala se não escurece as dos outros heroes todos, mostrar-lh'a viva, palpavel, circumfusa em todos os objectos, só o seu Portugal o saberia.

Possa este nome, tão precioso para Ella como para nós, e similhante a uma evocação magica, attrail-a dentro em pouco para um povo, que se acostumou a adorar mais ainda os meritos que a distinguem, do que os brazões de todo o genero que a enobrecem; e entre o qual Ella será sempre citada como exemplar, não só de princezas, mas de filhas, de irmãs, de espozas, de mães, de viuvas, de educadoras, de caridosas e de christãs.

## D. SEBASTIÃO-O-DESEJADO.

LENDA NACIONAL.

### VIII.

### O EMPRAZADO.

> Segue este bom rei as pisadas da paixão de seu senhor, assim como a tem impressa n'alma: como verá quem quizer discorrer por todas as suas tribulações, até de desprezos e afrontas: chamado rei por escarneo e levado (como dizem) de Herodes para Pilatos.
>
> *D. João de Castro*: Disc. da vida de D. Sebastião.

3201 Era ao declinar de uma tarde de abril sob o bello céu de Napoles. — A suave brisa perfumada pelas flores e fructos de que tanto abundam os contornos da cidade, ondeava voluptuosamente por sobre as moradas de seus felizes habitantes, e destendendo-se pela ampla bahia encrespava levemente as aguas, como um sorriso nas faces de formosissima donzella. No oriente como no occaso uma larga cinta de purpura e oiro confundia o nascer, com o saudoso pôr do sol, porque á proporção, que o astro do dia rareava seu brilho, occultando-se no occidente, — um astro da noite, o Vesuvio, vomitava na outra extremidade chamas intensas e torrentes de lava que adquiriam mais esplendor com a approximação das trevas.

¿Quem deixaria de exultar á vista de tão delicioso quadro? — ¡Quem! os pobres pescadores de Portici e mais classes indigentes avexadas com tributos pelos delegados de elrei de Hispanha; os desgraçados encerrados nos castellos de Santelmo e do Ovo por suspeitos áquella côrte feroz; os pacificos moradores que, no interior de suas casas, no centro de suas familias, se não julgavam immunes da sanha de um governo inquisitorio, e um homem que, desamparado dos

outros homens e quasi crendo-se desamparado de Deus, jazia carregado de ferros no castello de uma galé que n'essa hora estava surta na bahia. — ¡ Oh ! esse olhava com estupida indifferença para a cidade elevada em gracioso amphitheatro sobre as aguas, para esse cinto de vegetação que a estreita, cortado aqui e alli por algum sumptuoso mosteiro ou palacio campestre desde Loreto até ao pintoresco monte Pausilipo, e para o fundo do painel — lá longe — bem ao longe — o cume dos Apenninos, estampado no mais puro asul celeste.

Nossos leitores adivinharão facilmente quem era este homem, e dispostos de antemão, como devem estar para assistir á execução de todas as barbaridades que a maldade humana póde inventar, reflectindo que é nas garras dos patricios de Pizarro e Cortez que o infeliz caiu, — tenham a bondade de seguir-nos até ao cáes, e ahi confundidos com a plebe que se apinha para vêr os recém-chegados — tratemos de atar o fio d'esta maravilhosa chronica, partido ha alguns dias em outro bello logar d'esta poetica Italia.

Um batel abicou em terra e alguns mosqueteiros desembarcaram conduzindo entre si um homem duramente algemado; afastando graciosamente o povo com as coronhas dos mosquetes, estes tyranetes se abriram caminho até ao castello-novo; pela ponte levadiça atravessaram o fosso, entraram em uma vasta quadra adornada de bombardas, e, tendo subido alguns lances de escada, penetraram em uma salla de pedra, cujo ornato eram antigos brazões e armas.

Um homem estava ahi, em pé e descoberto — talvez porque o calôr já começava de sentir-se n'este clima temperado, postoque a primavera estivesse apenas a começar; — vendo aproximar-se o preso, deu alguns passos a encontraí-o. . . mas qual não foi o seu espanto ao ouvir aquelle infeliz algemado, endereçar-lhe estas palavras:

— Cobri-vos, Conde de Lemos: sabemos que direito vos assiste para o fazer em nossa presença, como grande de Hispanha que sois.

Houve um momento de silencio: depois o vice-rei arremeteu com o desgraçado prisioneiro, cevando-o de injurias, e relatando-lhe todos os supplicios que o esperavam, se para logo não retractasse publicamente as declarações, que havia feito de ser D. Sebastião, rei de Portugal; se não se deixasse considerar como pescador da Calabria, como filho de uma pobre mulher que brevemente lhe seria apresentada, como amigo de infancia de um soldado que dizia havel-o reconhecido em Florença por Marco Tullio o calabrez; — porém o homem a quem se dirigiam tantas afrontas e ameaças, aquella alma de mais rija tempera do que o metal que lhe agrilhoava o corpo, — similhante ao promontorio sobre cuja cabeça estoira a tempestade, e que inabalavel só repete com surdo fragor o mesmo estampido, — teve unicamente voz para dizer:

— Eu sou D. Sebastião, rei de Portugal. Tu és um vil, és um infame.

— ¿ E não vês que te posso matar? — disse o vice-rei rangendo os dentes, e apertando convulsamente o punho da espada.

— Por ti o mister de algoz ficaria deshonrado; — respondeu socegadamente o prisioneiro.

Nunca a hyena mostrou com mais ferocidade as fauces por entre os dentes ao arremeter com o caçador, do que o conde de Lemos diante d'aquelle homem.

— Para o castello do Ovo. — gritou elle com um rugido de tigre, e os soldados correram a arrastar o desgraçado.

— ¡ Para o castello do Ovo, para a morte! ! — repetiu o preso com gesto de inspirado e na postura de um propheta, — ¡ mas eu te empraso para de hoje a trinta dias, diante do Sanhor Deus!

O prezo já havia desapparecido; reinava o silencio na sala, mas uma voz se ouviu rouca como a de uma ave agoireira, sinistra como a de um condemnado: era a voz do vice-rei, proferia uma só palavra: — ¡ Emprazado!

No castello do Ovo, que toma o nome da sua configuração, situado sobre um rochedo, e separado da cidade por uma extensa ponte; no mesmo sitio aonde outrora Lucullo teve palacio e jardins deliciosos, onde resoou a harmonia de instrumentos musicos, o ruido das danças e a alegria dos banquetes, — eram agora abafados os suspiros de infelizes por pesadas abobadas, e escriptas ahi paginas tão negras, quanto foram festivaes as que n'outro tempo lhe estampavam!. . . . Lá gemia o verdadeiro ou falso D. Sebastião; tres dias tinham passado, sem que lhe trouxessem alimento algum. . . . ¡ nem agua! — sem ver uma face humana: por fim um carrasco agaloado entrou na prisão e não ficou pouco atonito de o achar vivo: nada disse e saiu. Passadas algumas horas um verdugo inferior veio trazer ao preso um pão negro e uma bilha com agua, — o preso devorou o pão, bebeu todo o liquido de uma vez; depois trouxe-lhe um cutelo e um baraço:

— Escolhei, lhe disse, é a ordem do nosso vicerei; assim evitareis uma execução publica; servi-vos da corda ou do ferro.

E o carcereiro saiu.

O preso olhou alternativamente para o baraço e para o cutelo, apanhou cada um d'aquelles instrumentos de morte com uma das mãos, contemplou-os pausadamente, e depois, bradando com força: — Não! — arremeçou-os para longe de si. Cinco dias depois vieram examinar se tudo estava concluido, porém o preso movia-se e fallava.

— ¡ Prodigioso! clamaram os sayões.

— Quero ser executado na *praça do Rei*; podeis levar esses instrumentos.

— Seja como dizes.

Era um novo interlocutor que proferia estas palavras; a sua voz soou ao encarcerado como o dobrar de um sino. Recordou-se de a ter ouvido oito dias antes, não se enganava.

— Cumpra-se a vontade do condemnado, — proseguiu o vice-rei.

— Condemnado estás tu pela justiça divina, só faltam vinte e dois dias.

— A ti, um só. — Prepara-te para ámanhã.

E saiu, e saíram os sayões. — O desgraçado, quando se viu só, atirou-se de joelhos sobre o frio pavimento da masmorra, uniu as mãos e repetiu com fervor estes versiculos de um dos psalmos de David:

« Senhor, guia-me na tua justiça: dirige diante de teus olhos o meu caminho, por causa de meus inimigos.

« Por que na bôcca d'elles não ha verdade; o seu coração é vão.

« A sua garganta é um sepulchro aberto; elles se serviram das suas lingoas para enganar: tu, Deus, os julga. »

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

No outro dia, era o ultimo do mez de abril, um prestito horroroso atravessava lentamente a extensa rua *de Toledo*. Alguns archeiros da guarda do vice-rei conduziam entre si um homem carregado de algêmas, e montado em um jumento, levando por desprezo a face virada para a cauda do animal; uma trombeta tocava com determinado intervallo de tempo, e o pregoeiro seguia, bradando rijamente:

—« Justiça que manda fazer elrei de Castella n'este homem, condemnado ás galés por toda a vida, por se ter intitulado D. Sebastião, rei de Portugal. »

— Sim, eu o sou, — respondia uma voz fraca cada vez que soltavam o pregão.

— Como o rei de Penamacôr, — dizia um do povo.

— Como o rei da Ericeira, — clamava outro.

— Parece-me muita constancia para um impostor, — disse em voz baixa um homem sisudo dirigindo-se a um velho que o acompanhava.

— ¿ E' verdade, lhe tornou aquelle, que poderá elle esperar da sua pertinacia? Só tormentos, e tal premio não conviria a um impostor.

O discurso d'estes homens parecia rasoavel, (pena é que a historia nos não conservasse os seus nomes), porém a populaça, que nada mais ambiciona do que espectaculos, que vê com a mesma satisfacção rolar sobre o cadafalso a cabeça de um martyr ou a de um tyrano, assistia alegremente a este hediondo festim, arremeçava pedras ao desgraçado, e lhe gritava aos lados por zombaria: « viva elrei de Portugal. »

Como subiu o Golgotha o Redemptor, clamando-lhe o povo em roda: — « Salve, rei dos judeus » — assim foi aquelle — rei ou impostor — levado até ao cáes; não se haviam atrevido a sentencial-o á morte. Embarcaram o desgraçado em uma galé, real, e amarrado a um banco de remeiros foi servir nos mares da Sicilia por alguns mezes.

O motivo d'esta comtemplação foi que a mãe de Marco Tullio Catissone não reconheceu o preso por seu filho, e o soldado, amigo de infancia em que lhe fallára o vice-rei, arrependeu-se a tempo e declarou em publico que fôra comprado para testimunha falsa; — a vingança era atroz, tinham-lhe feito esgotar até ao fundo a taça do aviltamento.

Quando acabada esta parte do seu martyrologio, o captivo voltou a Napoles, perguntou quem era o vice-rei.

— O conde de Lemos, — lhe responderam.

— ¡¿O conde de Lemos — tornou o preso com a expressão de um incredulo, — pois não morreu?!. . . .

— O conde moço. . . . que o pae finou-se em um de maio.

— ¡ Providencia divina! existes!

*(Concluir-se-ha.)*

*Francisco Maria Bordalo.*

## NOTICIAS.

### ALMAS DO OUTRO MUNDO.

*(Carta.)*

3202 Depois das cabeças de burro e de lobos, da reza contra o pulgão, de que já se deu conta em artigos differentes da *Revista*, era natural que, para completar o quadro da loucura, apparecessem os espiritos, ou almas do outro mundo: não faltaram; e, por uma justa destribuicção, pertenceu esta gloria a uma freguezia differente d'aquellas, em que aquel'outros acontecimentos se passaram.

Lá para as partes da Freisianda, extremidade do concelho, arvoraram-se ultimamente tres raparigas, de differentes edades, mas todas menores de 21 annos, pertencentes a familias d'alli, em interpretes das almas, que do outro vinham a este mundo ordenar restituições, e pedir missas pelo seu eterno descanço: correu ao principio o caso em particular, mas, pouco depois, crescia já prodigiosamente a multidão dos que accudiam a presenciar e admirar tão estupenda maravilha, todos persuadidos, de que ouviam fallar, pela bocca dos inspirados a alma do finado, seu visinho e amigo, o qual, agora encarnando no corpo d'aquellas jovens creaturas, vinha do outro mundo remediar os seus esquecimentos de emquanto vivo.

Era já pequena a casa, para conter todos os actores e espectadores de tal comedia; e as sibillas juvenis guiadas em tudo por insinuação de quem traçou o plano (o seu auctor é por ora desconhecido) para seu proveito, declararam que os espiritos escolhiam, para tribunal das suas decisões, uma capella d'aquella freguezia, cujos donos promptamente a franquearam, para um tão sancto e honesto fim, persuadidos de que n'isso muito obzequiariam as almas dos finados, que todos eram seus amigos. Tanta gente affluia alli das extremidades da freguezia, que se enchia a capella, e não podia receber todos os proselitos, que, alli passavam bom espaço de tempo, em pratica com as almas do outro mundo e se retiravam cada vez mais firmes na sua crença, e muito pesarosos, de não poderem por mais tempo continuar um tão dôce tracto: em desforra porém, proclamavam e juravam, por toda a parte, que tal caso era sobrenatural e que, n'elle, reluzia a graça divina: por esta fórma excitavam todos os visinhos a darem-se pressa em testimunhar tão extraordinario phenomeno, e por todos os modos levantavam o estandarte da superstição, que já corre victorioso, por todos os logares da freguezia, cujos moradores abandonando casas, e serviços, só curam do objecto da sua credulidade. N'uma noite, a horas já adiantadas, e quando já era pleno o concurso exigiram as almas, por via das suas lingoas, que fosse toda aquella turba-multa em procissão, desde a capella, em que estavam, até Albergaria a Velha, distancia de quasi duas leguas; cumpriu-se á risca o desejo e decreto dos espiritos, porque n'aquella noite partiram os crentes a pé em prestito, com as inspiradas á frente, e a cavallo, mais contentes do que os perigrinos, que vão de romaria a Jerusalem, ou os Turcos a Meca.

As inspiradas, escolhendo theatro ainda mais espaçoso, para sua gloria, appresentaram-se ultimamente, em dia pleno e sol nado, na egreja parochial e ahi quiseram reprodusir as scenas dos dias e noites passadas. O parocho porém que não tem a cabeça cheia de teias de aranhas (bem differente n'essa parte do de uma das freguezias visinhas, que é egresso, e talvez, tem intimas relações com uma d'aquel-

las boas creaturas) fez todos os esforços, para ouvir as suas inspirações, mas, porque não estava em graça, não gosou d'essa dita, e querendo poupar á religião o desar da continuação de scenas tão ridiculas, pertendeu desmascarar, perante o concurso, que já a esse tempo, era numeroso, esta tão grosseira, e perfida impostura: não só pelo que o parocho disse, mas tambem, pelo modo porque se avieram algumas pessoas alli presentes, que fizeram causa commum com o seu pastor, não foram alli tão bem acolhidas, como esperavam, as emissarias das almas do outro mundo, e retiraram-se sem declarar a vontade das suas hospedas; recolheram-se porém para a primitiva séde, e continuaram na capella, primeiro theatro das suas inspirações, no desempenho da sua missão.

Sabemos que o parocho zeloso da puresa, e santidade da religião se afana, para que os donos da capella a não facultem mais, para taes superstições, e sabemos que está na resolução, se o caso continuar, de consultar o exm.º bispo da diocese sobre os meios, que lhe cumpre empregar, para debellar este fanatismo, que, qual hydra de cem cabeças, por tantas formas se appresenta.

Não sabemos onde, quando, nem como terminará esta farça. O parocho da freguezia de S. Simão, vê nas inspiradas os effeitos da arte magica diabolica, e assim o declarou aos seus freguezes.

¿ Que mais veremos depois d'isto? Desgraçado concelho, que não sabemos porque mau fado, só ha-de ser conhecido por scenas ou de maldade, ou de estupidez, ou de hypocrisia ¡

Villa Nova de Ourem 5 de julho de 1844.

N. J.

### HARMONIA ENTRE O MUNDO E O ERMO.

2203 ¿ Quaes serão no orbe moral os antipodas de um convento de capuchinhas se não forem os *virtuosos* escripturados? ¿ e quaes serão os antipodas de um theatro de opera se não for um convento de capuchinhas? Pois...... coisa inaudita!...... acabamos de ver trabalhar entre estes antipodas um telegrapho electrico de amor.

A Sr.ª *Olivier* e o Sr. *Sermattei* fizeram no theatro do Porto um beneficio para as velhas e desamparadas religiosas capuchinhas de Guimarães, que lhes rendeu 240$ réis: ( ¡ o *domine, labia mea aperies* ás sopas *della mia felicitá!* )

As sanctas religiosas agradeceram ao Sr. *Sermattei* e á Sr. *Olivier* n'uma carta muito bem concertada, em que se faltava mais de Deus do que de Donizetti, e em que rematavam promettendo-lhes a gloria, não a dos folhetins, mas a eterna: e com esta carta lhes mandaram algumas caixas de doces finos, obra de suas mãos, tão saborosos no seu genero como as caritativas arias o tinham sido no seu.

### REMEDIO INADMISSIVEL PARA AS CALMAS DO VERÃO.

3204 Uma scena, que seria ridicula se não tivesse tido por causa a alienação mental, passou na ultima quinta-feira á noite por algumas ruas da cidade baixa.

Passeava gravemente um homem nú de chapeu na cabeça, cordão com relogio ao pescoço e bengala na mão ao longo das banquetas de lagedo, tomando o fresco: o vulgo que de tudo ri e por tudo se ajuncta — ajunctava-se e ria: — o pobre insensato ía para diante sem attentar no povo. A vozeria attraiu a attenção das patrulhas; estas o prenderam e o reconduziram para sua casa.

Tem familia e é casado: nunca dera signal de desarranjo de suas faculdades, e n'este mesmo delirio mostrou ainda certa reflexão: despiu-se fechado no seu quarto e ás escondidas de toda a familia, e tomou todas as cautellas para que nenhuma das senhoras de casa o descobrisse em similhante estado no acto de sair para a rua.

### UMA HORA DE CONTRICÇÃO.

*(Carta.)*

3205 Em Portugal fazem-se coisas, que metem medo a quem as vê, a quem as ouve, e a quem as conta. ¡ ¿ Estaremos nós a tocar no seculo do Anti-Christo?! ¡ Quem sabe!...... No anno passado appareceu um comêta de que não havia noticia, e os comêtas assemelham-se a esses signaes de que falla o Apocalypse. Os turcos vão-se dispondo para receber o christianismo, e muitos dos christãos vão-se fazendo moiros. Tivemos já este anno uma guerra d'irmãos, e de parentes. Teem morrido muitos moços porque ha poucos velhos; e agora morreu em Almeirim a Maria Henriqueta.

¿Quereis conhecel-a? Ouvi — era uma mulher, que para ahi veio rezidir com dois homens; e tractava a um por marido, e a outro por cunhado: já tinham n'aquella villa septe annos de residencia, e atravez de todos elles ía correndo voz — «que a mulher « não era cazada; que desertára de Torres Novas; « que matára o marido para se entregar toda ao dia« bo da carne........» e esta voz que rumorejava no povo, como a viração morna de noite de estio por entre as folhas da faia, e do freixo, ou nunca bateu nos ouvidos da auctoridade publica, ou ahi se quebrava como aquellas virações se quebram no tronco bruto, e compacto.

¡ Piou o mocho nocturno á porta de Maria Henriqueta! A mulher lucta com elle, e o nome de Maria a soccorre: — chama o prior da freguezia, confessa-se contricta, e arrependida; o prior recusa-lhe a absolvição, revella os crimes á justiça, e o supposto cunhado de Henriqueta é preso, e ella morre cheia de esperança e de fé, *confessando publicamente a Deus, entre outras, as seguintes coisas*: — que o homem com quem vivia era mancebo, e não marido; que elle e ella o tinham matado para viverem livremente: que tinham matado dois filhos havidos de seu criminoso commercio; que se não confessava havia septe annos!!! Grandissima é a Misericordia Divina!! Poderosissimo o nome da Mãe de Jesus! ! N'uma hora saltou tamanha peccadora do inferno para o Céu!!

¡ ¡ ¡ A justiça d'Almeirim prendeu o supposto cunhado da penitente *pela declaração* do Prior!!! O governo temporal fará muito bem se fiser castigar a respectiva auctoridade, a quem a policia d'Almeirim está encarregada, e que no espaço de septe annos não curou de investigar *que mulher, e que homem eram estes*: e o governo ecclesiastico pedirá conta a um confessor que foi revelar o segredo da confissão *voluntariamente*, e que em todos aquelles septe annos não soubera procurar aquella ovelha perdida para a tirar do peccado!

Crêmos, e esperamos que assim se faça para que a doctrina se não evapore; e o reino não acabe, e o po-

vo se não perca de todo. Salvemo-nos, que ainda é tempo. — Santarem 20 de julho de 1844.

*José de Freitas Amorim Barboza.*

**PORTENTO MUSICO.**

3206 O serão de 21 no theatro de S. Carlos foi uma demonstração brilhante do que póde a educação dada por um pae eminente nas materias, que ensina, a seus filhos. O distincto cavalheiro milanez emigrado, o Sr. *Fontana*, harpista na nossa ópera, obtivera essa noite para beneficio da sua imberbe e interessantissima progenie. O programma annunciava, entre outras coisas, que ouviriamos — « variações de bravura de pianno e orquestra, sobre motivos do *Prés aux clercs*, de *Herz* executadas pelo joven Achilles. Tercetto de duas harpas e pianno, executado pelos tres meninos. Tercetto de duas harpas e pianno, sobre motivos do *Bravo*, executado pelos jovens Achilles, e Galiazzo, (o 1.° e 2.° irmão) e seu pae. Variações de bravura, sobre motivos da *Favorita*, para harpa com acompanhamento da Orquestra, executadas pelo joven Galliazzo, compostas, e dedicadas ao executante, por seu pae. Duetto da opera *Clara de Rozemberg* (vulgo das pistollas) cantado pelos jovens Achilles e Galliazzo, vestidos em caracter.»

O programma foi preenchido além de toda a espectativa e com assombro dos concorrentes: — a facilidade, a precisão e o gosto, que o pae soube transmittir á sua amavel prole no uso d'aquelles dois dificilimos instrumentos, o piano e, sobre tudo, a harpa, excitaram o mais vivo enthusiasmo; — e quando se via que o mais velho contava apenas 11 annos; o segundo 9; o mais pequeno 5, e este, á sua parte, só quatro mezes de estudo de harpa; custava a conceber a possibilidade do que se presenciava; mas a relnctancia da razão contra o testimunho dos olhos e ouvidos acabava, e o mysterio se explicava por si mesmo, se a attenção se transportava um momento das pessoas dos filhos para a do pae. Todo elle era amor e desvello; elle quem os appresentava, os collocava; os esforçava, os regia e inspirava com o gesto, com os olhos, com o sorriso, elle, a divindade presente, visivel, manifesta, que operava todo o prodigio; mas elle tambem, o que sem ser directamente applaudido, recolhia no coração todos os applausos; sentia sobre a sua alma o doce peso e as celestes fragrancias das corôas, que se lançavam a todos tres, e que os dois mais velhos como dois seraphins a um anjinho mais formoso offereciam todas ao Benjamim da familia, o qual sorria para ellas, não porque eram gloria mas porque eram flores, e as collocava juncto ao peito para sua mãe.

A idéa de anjo aqui não é poesia, ou se poesia é, a scena tornou poetas a todos os espectadores: ¡a harpa assim dedilhada, por quem nem altura tinha para do chão se medir com ella, nem braço para a abranger, nem mais valentes dedos para a pulsar do que uma mãosinha de leite e rosas, que ainda hontem brincaria com o seio materno! e d'alli brotando melodias arrebatadoras!...... que mais expressivo quadro das delicias do empyreo sonhadas por christãos poetas! Todas as damas os haveriam devorado com beijos, nenhum dos homens, que os palmeavam, deixou de sentir um abalo de inveja, aos gosos secretos e inefaveis do progenitor. ¡Que tres musicos distinctos se não adivinham já, sem grande metamorphose, n'este apertado e mimoso ramalhete de tres botões!

**ENIGMA.**

3207 Ha poucos dias, que innumeraveis pessoas de um e outro sexo da classe média e d'ahi para cima receberam pelo correio da porta um bilhetinho em papel de côr, em que só se lia o seguinte: — E' moda no Convento da Encarnação Enterrarem os Vivos por Prevenção.

Das moradoras d'este convento e do de Sanctos não houve uma só, que não fosse contemplada com tão indecifravel presente. D'aqui tem nascido, e não só nas senhoras, uma insofrida curiosidade, — presupposto, como é natural, que o trabalho de expedir tantas cartas não foi tomado por méro passatempo de algum estupido malevolo. — Em todo o caso, como é possivel que n'aquella, aliás muito respeitavel, casa se perpetrasse, com mais ou menos fortes motivos, alguma coisa parecida com as encarcerações privadas, de que resam chronicas e tradicções, fica já á respectiva auctoridade policial rigoroso dever, imposto pela humanidade, pela religião e pelo espirito da lei politica, de fazer indagações até descobrir a verdade para salvar uma victima e punir um crime, se, porventura, ha crime e victima; ou, se os não ha, para restituir a uma corporação veneravel o bom nome, que balélas d'estas estremecem tanto mais quanto maior é o campo para as phantasias trabalharem. Fénélon teve uma similhante denuncia d'um convento do seu arcebispado; foi por si mesmo averigual-a, e salvou de um subterraneo mãe e filha, que lá jaziam, havia muitos annos, e, a não ser elle, jazeriam sempre.

---

Este jornal sae todas as quintas-feiras. Em Lisboa unicamente se assigna para elle no escriptorio da Redacção, rua dos Fanqueiros n.° 82 — 1.° andar, aonde egualmente se deve dirigir a correspondencia *ao administrador da Revista Universal, o Sr. M. M. C. Seabra.*

Tambem se assigna nas casas de seus correspondentes: em Coimbra, na Imprensa da Universidade a J. M. S. de Paula: no Porto, na de José Joaquim Rodrigues dos Santos: em Faro, na de José Coelho de Carvalho: em Braga, na de Luiz do Amaral Ferreira, rua da Fonte da Cárcova n.° 23: na Madeira, na de Christovam José de Oliveira: na Terceira, na de Luccas José Chaves: no Fayal, na de Manuel Maria Madruga de Bettencourt: em S. Miguel, na de Sebastião Tudury: no Rio de Janeiro, na de Agostinho Freitas Guimarães & Companhia: no Maranhão, na de Antonio da Silva Fontes & Companhia: no Pará, na de Luiz Francisco Collares: em Pernambuco, a Silva & Fragoso.

Preço das assignaturas. — Por 12 n.os — 600 rs. — 24, 1200 — 48, 2400 — As collecções completas dos tres annos da Revista ou em separado se vendem: cada volume, — Em papel 2$400 rs. — Em broxura — 2$440 — Em meia encadernação — 2$600 — Em encadernação inteira — 2$700 — Declara-se que nas assignaturas feitas nas ilhas e Brazil assim como dos volumes que ahi se venderem, deve haver augmento de preço, pois o que fica taxado se entende em moeda forte de Portugal.